



MARY AND MAX¹

Ana Tereza de Faria Groisman e Selma Ranieri Viana

Este texto se refere a um filme de animação (*stop motion*), ambientado numa pequena cidade da Austrália e em Nova York, no fim da década de 1970.² Os personagens principais começam a trocar correspondência, num processo que se estende por vinte anos. Filha única de pai ausente, taxidermista amador, e mãe alcoólatra e cleptomaniaca, Mary é uma menina de oito anos, gordinha, que usa óculos e é alvo de *bullying* na escola. Max, de 44 anos, vive sozinho com um gato caolho e um peixinho, é portador da síndrome de Asperger, e seus contatos se limitam a uma vizinha quase cega e às sessões dos Comedores Compulsivos Anônimos, além de um psiquiatra.

A solidão e a curiosidade levaram Mary a encontrar o nome de Max numa lista telefônica e a escrever para ele, fazendo uma pergunta: de onde vêm os bebês? Seu avô tinha dito que eles eram encontrados no fundo do copo de cerveja. A carta de Mary deixou Max ansioso, pois era uma quebra em sua rotina e contrariava seu apego a questões lógicas.

O pai de Mary, Noel Norman, trabalhava numa fábrica como operador de uma máquina que prendia cordinhas em saquinhos de chá, atividade mecânica e repetitiva. Porém, isso era valorizado por Mary, que dizia aos colegas de escola que poderia ter tanto chá quanto quisesse. Sobretudo o da marca Earl Grey, sua preferida, que gostava de pronunciar, pois fantasiava se casar com alguém que tivesse esse nome e morar num castelo na Escócia. Esse nome do chá se deve a Earl Grey, primeiro-ministro britânico que, na primeira metade do século XIX, introduziu no Reino Unido um tipo de chá aromatizado. Assim, Mary transformou algo rebaixado, banal, no pai, num significante nobre.

Mary queria ter irmãos, mas sua mãe dizia que ela já tinha sido um acidente; e ela se perguntava como uma criança poderia ser um acidente.

¹ Este trabalho foi apresentado e debatido no núcleo de topologia, coordenado por Stella Jimenez e Angélica Bastos, e contou com a inestimável contribuição de seus participantes.

² Recomendamos vivamente assistir ao filme antes de ler este texto, que perde muito de seu interesse sem a ilustração da animação.



Mary e Max tinham em comum o interesse pelos Noblets, um grupo de personagens que para Max sugeria ter uma estrutura social articulada, com muitos amigos – Noblets tem a ver com nobre. Mary gostava de leite condensado e Max, de chocolate, que ela enviava para ele junto com a primeira carta. Depois, Mary mandaria um pompom vermelho que coloriria o cenário preto e branco de Max, como já o fazia os chocolates enviados.

Max não entendia por que era visto como diferente dos demais, considerados normais, pois estes pareciam ilógicos, jogando lixo na rua e desmatando florestas. Isso, para ele, era um exemplo da estupidez humana, e citava Einstein: “o infinito da estupidez humana”. No filme há uma crítica à sociedade americana, da apologia do sucesso e da segregação dos supostos fracassados, uma divisão que tem um caráter grotesco.

O filme retrata o tempo inteiro uma oscilação entre o grotesco e o sublime e chama a atenção o recurso expressivo dos bonecos de massa (*stop motion*) usados para encenar a história dos dois. A escolha faz todos os personagens (humanos e animais) e os elementos cênicos do filme terem um aspecto caricatural, estapafúrdio. A estética do grotesco realça traços de monstruosidade, desarmonia, inacabamento, que causam efeitos de estranheza. Segundo Kayser, autor que trabalha o tema na literatura através dos contos de Hoffman e da *commedia dell'arte*, é da natureza do grotesco “que aquilo que nos é familiar se revele de repente estranho e sinistro”. Nesse aspecto se aproxima do *Umheimlich* freudiano.

De forma poética, o filme insinua um rompimento sutil da barreira rígida entre normais e anormais, incluídos e excluídos. Causa estranhamento que ainda seja possível no universo de figuras bizarras a segregação dos personagens principais, Mary e Max. Essa estranheza faz ambos se tornarem familiares e próximos do espectador, evidenciando que o diferente não é necessariamente alheio, mas antes, estranhamente familiar.

Na reflexão sobre o filme, privilegiamos a personagem Mary, para podermos explorar um pouco mais essa báscula entre o grotesco e o sublime, duas faces do objeto *a*, que oscila entre o agálma e o dejetivo. Mary circula o tempo inteiro entre essas duas posições, a todo o instante cai como resto e é remetida ao lugar de cocô, e Max sempre a ajuda de forma a tornar isso algo sublime.



No início do filme, Mary é descrita como uma menina solitária que vive com um pai ausente e uma mãe alcoólatra. Ela diz que sua mãe é incompreensível, que não consegue entendê-la, mas Mary também encontra dificuldade em interpretar a si própria, pois utiliza o recurso do “anel do humor” para diagnosticar os próprios sentimentos. Esse Outro materno não lhe dá lugar, não faz laço e o dito anel funciona como um mecanismo interpretativo tanto de seu organismo (fome) quanto de seus afetos (raiva, ansiedade).

O avô de Mary parece ter uma posição diferente, mais libidinizada. Era um homem que gostava de mergulhar no mar gelado, para sentir seu corpo enrijecer, e que brincava com Mary. Ela relembrou o dia mais feliz da sua vida, quando o avô tinha tirado uma moeda de seu nariz, revelando algo de valor extraído de seu corpo. Era para ele que Mary endereçava suas questões quanto à origem dos bebês. O avô parece dar um lugar diferente do que ela encontra junto aos pais.

O avô de Mary havia morrido um ano antes, ela sentia falta dele e vivia uma solidão ainda maior com sua morte. Porém, apesar desse investimento em Mary, a resposta dada por ele sobre a origem dos bebês remetia a um lugar de resto de gozo do Outro (“os homens encontravam os bebês no fundo de uma caneca de cerveja”), e é neste lugar que Mary vai repetidas vezes cair ao longo da história, lugar de resto, dejetado do Outro.

Em sua primeira carta para Max, Mary se apresentou como sendo uma menina de oito anos, com os olhos cor de poça de lama e uma marca de nascença cor de cocô. Disse gostar de leite condensado, de chocolate, da cor marrom e dos Noblets. Ela gostava dos Noblets porque eram marrons, viviam num bule de chá e tinham muitos amigos; ela fabricava seus próprios Noblets com restos de comida (ossos), conchas e gomas, uma bricolagem com pedaços de coisas de seu cotidiano, e dizia que estes eram seus únicos amigos. Metonimicamente, esta criação fala de uma versão do pai, de um investimento possível nele como algo que possa servir de guia em relação ao desejo.

Essa marca de nascença, na escola, despertou a atenção de um colega, que a chamou de cara de cocô. Mary respondeu a isso, ficando completamente aderida ao que o outro via nela, e caiu como um cocô diante do colega. Mary recorreu a Max, para encontrar uma saída melhor. Iniciava-se então uma série de reviravoltas na história subjetiva de Mary. Um primeiro reviramento acontece, do marrom cocô ao marrom do



chocolate. Dois valores avessos que darão um novo lugar subjetivo para Mary no grupo. Ela passa a trabalhar, distribuindo panfletos, e começa a guardar moedinhas num cofrinho para ir ao encontro de Max.

As cartas de Mary sempre remetiam Max a crises de angústia e de ansiedade, por conta das perguntas que ela fazia e que ele não tinha como responder, até o ápice em que ela perguntou sobre o amor, o sexo e sua posição diante do desejo. Pergunta impossível que o remeteu a um furo absoluto – ele tentou responder, mas teve uma grave crise catatônica, culminando numa internação que duraria oito meses.

Há no filme uma ilustração dos pensamentos dos personagens. São pensamentos bastante literais, o que nos dá uma dica sobre a maneira como os personagens interpretam o mundo.

A internação de Max foi tomada por Mary como um abandono absoluto, e ela caiu mais uma vez como dejetos, ficou deprimida e queimou as cartas que recebera de Max, numa tentativa de apagá-lo de sua memória. Ela perdia o lugar que tinha conquistado para esse Outro, a quem podia endereçar e receber coisas. Havia uma troca muito importante entre os dois: além da letra, cada carta vinha acompanhada de um objeto – chocolate, foto, desenho, pompom.

Depois de um longo tempo, Max retomou as cartas por recomendação de seu médico. É interessante notar que nesse meio-tempo uma série de eventos na vida de Max tinha acontecido, porém, nenhum deles tinha-o levado de novo à catatonia, mesmo sendo situações bastante radicais: seu ar-condicionado caíra na cabeça de um mímico e o matara, ele tinha sido julgado por assassinato, ganhado na loteria e sua vizinha tinha morrido.

No entanto, nada disso o desestabilizou e ele se manteve em seu mundo lógico, mas sentia falta da amizade e voltou a escrever para Mary. O médico lhe deu uma dica importante: abrir alguma coisa de sua realidade e colocar um limite protetor entre ele e Mary. A partir disso, ele escreveu e falou de sua síndrome, intitulou-a Aspíe, mas disse que não se considerava nem um deficiente nem um necessitado de cura, pois gostava de ser um Aspíe. A única coisa que queria mudar era ser capaz de chorar de verdade. Mary lhe enviou como resposta um vidro com lágrimas.

Ela mandou suas lágrimas numa garrafa de remédio para hemorroidas, transformando mais uma vez o grotesco em sublime.



Iniciou-se então um período tranquilo, de trocas de cartas e chocolates, até que Mary entrou na faculdade e mais uma vez teve que enfrentar as dificuldades do convívio com os outros. Ela relatou uma cena em que, ao tentar se aproximar dos colegas, um passarinho fez cocô em sua cabeça, provocando o riso e a zombaria – de novo Mary se vê colada à posição de dejetos. Lacan diz uma coisa interessante: o real sempre oferece ao sujeito o que ele procura. Nesse filme, isso se apresenta de diversas formas: o vizinho agorafóbico, que a cada vez que tenta sair de casa se depara com alguma coisa ameaçadora, seja um cachorro, um carro ou Mary, que ainda tenta se descolar de sua “marca”, mas a todo instante é remetida a ela.

Nessa ocasião, seu pai morreu e Mary resolveu usar o dinheiro que recebeu de herança numa cirurgia plástica para tirar a mancha no rosto. Era uma tentativa de se separar no real do corpo do lugar de cocô ao qual se via colada, mas isso funcionou precariamente: toda arrumada, ela foi falar com o vizinho a quem se endereçava amorosamente, mas o que ele viu nela foi um cocô grudado em seu pé.

Ela ficou reduzida ao que ele viu na cena e se deprimiu mais uma vez; resolveu escrever para Max dizendo que o amor não era para ela, que nunca teria alguém para amá-la e ia mesmo ficar sozinha. Max respondeu a sua carta enviando junto um bombom onde se lia: “ame primeiro a si mesmo”.

A mãe de Mary morreu ingerindo por engano o líquido embalsamador que o marido usava, e com a morte da mãe, em seu enterro, Mary deu início a uma nova reviravolta em sua vida. Diante do túmulo, ela leu a frase escrita no bombom que Max lhe enviara, em seguida, jogou na sepultura da mãe seu “anel do Humor” (que neste momento tinha cor de cocô) e se agarrou ao vizinho, objeto de seu interesse amoroso.

Parece que, finalmente, ela conseguia se separar do lugar de cocô, porém, ela fez uma virada bastante estranha, quase maníaca. Passou a ter uma “autoestima insuportável” – um “ame a si mesma antes de tudo” tomado ao pé da letra. Mary se casou com o vizinho ignorando o fato de ele ser gay. Construiu uma carreira acadêmica brilhante e se propôs a curar todos os males do mundo. Aqui foi Max que ficou no lugar de seu objeto; ela usou suas cartas como estudo de caso em sua tese, e pôs inclusive uma foto dele na capa do livro. Ela lhe enviou uma cópia, dizendo que finalmente poderia “curá-lo de sua deficiência”. Esse é o momento de um desenlace radical para ela. Para Max, foi um afrontamento, uma injúria e, na impossibilidade de dizer o que



estava sentindo, ele fez um ato: arrancou o pompom de seu solidéu e a letra M de sua máquina – não conseguia mandar nada escrito, mas enviou pelo correio a letra. A letra com a qual estava escrita no Outro, volta para ela.³

A letra M fixava o ponto de interseção entre os dois. Com o retorno da letra, Mary caiu num desenlace radical, entrou numa grave crise melancólica, destruiu todos os exemplares de seu livro e se isolou do mundo – sempre agarrada à letra M. Seu único movimento foi se dirigir todos os dias à caixa de correio para ver se havia chegado alguma coisa de Max. Aqui encontramos de novo o que citamos anteriormente sobre o real oferecer o que o sujeito procura, porque o que ela acabou encontrando foi uma carta de seu marido endereçada a **M**.

O marido também a havia abandonado. Ela recorreu ao alcoolismo, fazendo uso compulsivo de sherry, a bebida de sua mãe. Chegou ao ponto de tentar o suicídio com o que restava dos remédios da mãe, porém, nesse momento, o vizinho fóbico entregou uma caixa enviada por Max com toda sua coleção dos Noblets e uma carta onde ele escrevia (sem os Ms) que conseguiu desculpá-la por perceber que, assim como ele, ela também não era perfeita, “todos temos defeitos e eles fazem parte de quem somos”.

Mary não sabia, mas estava grávida e, quando seu filho nasceu, ela resolveu finalmente ir ao encontro de Max. Ao chegar, Mary o encontrou morto, mas apesar disso, ao olhar em volta, ela pôde perceber o lugar fundamental que tinha na vida de Max: seu desenho (autorretrato) estava grudado no espelho, suas cartas recobriam todo o teto de sua casa e por todo lado era possível ver vestígios de sua presença. Mary parecia afinal se sair bem, podendo se assegurar de um lugar no Outro. Deixava, então, de se ver ameaçada de cair como dejetos.

³ Stella Jimenes, oralmente.